

“Tudo é medíocre e feio na URSS”: representações anticomunistas na imprensa amazonense (1935-1937)

“Everything is mediocre and ugly in the USSR”: anti-communist representations in the Amazonas press (1935-1937)

Davi Monteiro Abreu
Mestre em História Social
Universidade Federal do Amazonas
davi.onlyone@gmail.com

Recebido em: 13/03/2020

Aprovado em: 01/12/2020

Resumo: Em novembro de 1935 estourou na cidade de Natal uma rebelião que logo se espalharia para outras cidades brasileiras, em especial, Rio de Janeiro e Recife. Conhecida como “Intentona Comunista”, foi uma rebelião executada no bojo de uma das conjunturas mais acirradas da história política do Brasil. Influenciada pelas ideias da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e tendo como um dos protagonistas, Luiz Carlos Prestes, o Cavalheiro da esperança. O Levante foi iniciado em Natal, no dia 23, em Recife, no dia 24 e no Rio de Janeiro, no dia 27 de novembro. Além dessas cidades, foi elaborado um plano para derrubar o governador do Amazonas, Álvaro Maia, no entanto o plano não foi efetivado. Durante os dias de levante, as ações dos rebeldes geraram uma gama de representações anticomunistas e essas representações foram cristalizadas no imaginário político brasileiro e passaram a ser decisivas em eleições e em qualquer outra disputa de poder. Dessa forma, neste artigo, temos como objetivo abordar as representações anticomunistas no estado do Amazonas, entre 1935 a 1937. As representações aqui trabalhadas foram veiculadas nos jornais *A Tarde*, *O jornal*, *Jornal do Commercio* e na revista *A Seha*.

Palavras-chave: Comunismo, Anticomunismo, Representação.

Abstract: In November 1935 a rebellion broke out in the city of Natal that would soon spread to others Brazilian cities, in particular, Rio de Janeiro and Recife. Known as “Communist uprising of 1935”, it was a rebellion carried out in the midst of one of the most fierce situations in the political history of Brazil. Influenced by the ideas of the National Liberation Alliance (ANL) and having as one of the protagonists, Luiz Carlos Prestes, the Gentleman of hope. Started in Natal, on the 23rd, in Recife, on the 24th and in Rio de Janeiro, on the 27th of November. In addition to these cities, a plan was drawn up to overthrow the governor of Amazonas, Álvaro Maia, however the plan was not implemented. During the days of the uprising, the actions of the rebels generated a range of anti-communist representations and these representations were crystallized in the Brazilian political imagination and became decisive in elections and in any other power dispute. Thus, in this article, we

aim to address anti-communist representations in the state of Amazonas, between 1935 and 1937. The representations worked on here were published in the newspapers *A Tarde*, *O jornal*, *Jornal do Commercio* and in the magazine *A Selva*.

Keywords: Communism, Anti-Communism, Representation.

Introdução

Em 1917, o mundo conheceu uma nova alternativa política, econômica e social. Nesse ano adentrou o rol da história o comunismo – ou marxismo-leninismo –, que naquele momento deixou de ser apenas um espectro. Segundo Rodrigo Patto Sá Motta (2002, p. 20), “o comunismo para uns era a concretização de um sonho, mas para outros era um pesadelo tomando forma real”.

Dessa forma, os grupos sociais que viam no comunismo um pesadelo começaram a se organizar para combatê-lo, de modo que podemos dizer que “o anticomunismo nasceu espontaneamente, gerado pelo medo e pela insegurança” (SÁ MOTTA, 2002, p. 20). Este medo e insegurança possibilitaram a organização de grandes grupos que, em certos momentos, quando o comunismo estava ganhando pujança, tornavam-se verdadeiras frentes amplas contra ele.

Ainda segundo Sá Motta (2002, p. 21), no Brasil, “o anticomunismo começou a ganhar maior substância na mesma medida em que se dava o processo de expansão da influência do Partido Comunista (PCB), a adesão de Prestes e a fundação da ANL”. Quando aconteceu a Revolução Bolchevique de outubro de 1917, apesar do impacto gerado, no Brasil, a cultura política comunista ainda era parca, o anarquismo era a cultura política que circulava entre os movimentos dos trabalhadores e, por isso, o evento não gerou tanto receio. No entanto, com a fundação do PCB, em 1922, e a adesão de figuras como Prestes, esse quadro começou a mudar.

É importante mencionar que o evento responsável pela propagação e consolidação do anticomunismo no Brasil foi a “Intentona” Comunista. Mas, devemos estar atentos para a tese da historiadora Carla Luciana Silva, *Onda Vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)*, que defende que o anticomunismo não deve ser estudado apenas em momentos culminantes, como 1935, pois seus fundamentos também são perceptíveis em outras temporalidades, quando as “ondas vermelhas” estão menos intensas ou visualizáveis.

É evidente que as representações anticomunistas surgiram antes dos levantes de novembro de 1935, mas após este evento essas representações foram potencializadas. O evento deu base concreta para todos aqueles que viam no comunismo um inimigo a ser dissipado, um exemplo do que os “comunistas” poderiam fazer se alcançassem o poder. Segundo Sá Motta (2002, p. 22), a partir da “Intentona Comunista”, se criou no Brasil um verdadeiro “imaginário anticomunista”. Entre os anos de 1935 a 1937, observando por meios das fontes, foram constantes as representações e ações contra o comunismo no estado do Amazonas. Muitas dessas batalhas contra o “credo soviético” foram posteriores aos levantes de novembro de 1935. No entanto, antes desse período, já era possível identificar manifestações anticomunistas, em especial, em telegramas que eram publicados nos periódicos que tinham circulação no estado. Essas correspondências geralmente versavam sobre os acontecimentos na União Soviética, destacando, na maioria das vezes, imagens impressionantes daquele país; como relatos sobre a Rússia pós-revolução, ações de Joseph Stalin, expurgos, morte e toda espécie de calamidades. Raras eram às vezes em que eram veiculadas notícias positivas sobre aquele país.

Neste sentido, cabe enfatizar que o comunismo tratado neste capítulo refere-se ao marxismo-leninismo ou leninismo, definido por Tom Bottomore (1988, p. 314) como:

[...] o desenvolvimento da concepção científica da sociedade proposta por Marx e Engels. Como tal, o leninismo é uma ciência das leis de desenvolvimento da natureza e da sociedade, que esclarece as relações causais entre o homem e a sociedade bem como a marcha rumo à sociedade sem classes do comunismo. Os principais componentes do marxismo-leninismo são o materialismo dialético e o materialismo histórico enquanto métodos de análise, a economia política como estudo das relações das classes com os meios de produção e o nível das forças produtivas, e a teoria do comunismo científico (estrutura e processo das sociedades comunistas).

Já o anticomunismo, segundo Luciano Bonet (1986, p. 34):

[...] o Anticomunismo deveria ser obviamente entendido como oposição à ideologia e aos objetivos comunistas; assim como existem forças sociais e posições políticas antifascistas, anticapitalistas, anticlericais, etc., também as há anticomunistas. Na realidade, após a Revolução de Outubro, o comunismo entrou na cena mundial, não só como um movimento organizado e difuso, senão também como uma alternativa política real em relação aos regimes tradicionais. Por isso, o Anticomunismo assumiu necessariamente valores bem mais profundos que o de uma simples oposição de princípios, contida, não obstante, na dialética política normal, tanto interna como internacional.

Carla Simone Rodeghero em, *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*, compartilha da definição de Luciano Bonet (1988) e aponta que “o anticomunismo, quando se manifesta em nível internacional nas relações entre os Estados, nega qualquer possibilidade de alianças com os países comunistas” (RODEGHERO, 2003, p. 28). No plano interno dos países capitalistas, o comunismo é associado não apenas aos partidos que têm como bandeira, mas também, como aconteceu no Brasil, a todos os partidos de esquerda, ou a alguns de seus membros em particular; aos indivíduos atuantes em movimentos sindicais, estudantis ou em qualquer outro tipo de movimento popular.

A historiadora Carla Lucina Silva em *Onda Vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)*, afirma que “embora o anticomunismo fosse anunciado já no Manifesto Comunista, são poucos os conceitos encontrados para o termo” (SILVA, 2001, p. 25). A autora também utiliza da definição de Luciano Bonet, mas vai além, dizendo que:

o problema básico ao qual devemos atentar é que o termo comunista não é o suficiente. É necessário delimitar o que os textos anticomunistas entendem por comunismo. Ressalta-se que o conceito aponta para as tradições ‘marxistas ou comunistas’, ou seja, embora os textos anticomunistas estejam se referindo a um “inimigo”, concreto ou não, eles têm claro que esse “inimigo” não é necessariamente um militante de um partido comunista (SILVA, 2001, p. 26).

Para Rodrigo Patto Sá Motta (2002, p. 10), “a definição de anticomunismo é, em princípio, relativamente elementar. Mas tal aparente simplicidade recobre uma realidade bastante complexa”. Embasado em Serge Berstein e Jean-Jacques Becker, o historiador define os anticomunistas como “indivíduos e grupos dedicados à luta contra o comunismo, pela palavra ou pela ação” (BERSTEIN; BECKER, 1897, p. 10 APUD SÁ MOTTA, 2002, p. XX). Sá Motta demonstra o caráter plural e díspar do anticomunismo, ou melhor, dos anticomunismos, podendo esse anticomunismo ser fascista, católico, liberal e socialista democrático. Apesar das diferenças, esses grupos, em momentos em que o comunismo ganha força, unificam-se, formando frentes anticomunistas, que na maioria das vezes são efêmeras.

No Amazonas, durante o período estudado, observamos que as primeiras notícias de cunho anticomunista se deram com o surgimento da ANL. Posteriormente, percebemos uma querela

facciosa envolvendo o governador do Amazonas, Álvaro Maia¹ (PPA) com o senador Leopoldo Tavares de Cunha Mello (PSA), também regida com teor anticomunista. Essa discórdia está relacionada à chegada da caravana da ANL ao Amazonas. A partir de novembro de 1935, quando ocorreu a apreensão das quatro bombas de dinamites, o descobrimento dos planos para depor o governador do Amazonas² e os levantes de Natal, Recife e Rio de Janeiro, a imprensa local passou a explorar com mais afinco o discurso anticomunista.

Dessa forma, tornou-se mais comum o uso do termo “comunismo” na imprensa amazonense e a ameaça que antes parecia longínqua, típica do leste europeu, se tornou próxima, a ponto da imprensa noticiar, algumas vezes, a iminência de uma nova “Intentona” comunista.

Após a “Intentona” Comunista, o medo ao comunismo tomou grandes proporções. Dessa forma, já que existia um grupo organizado que visava realizar a revolução mundial e, conseqüentemente, dominar o Brasil, se levantaram também indivíduos e grupos que tinham como objetivo combater os comunistas e frustrar seus sonhos.

Neste ínterim, observando as fontes, percebemos que os grupos mais articulados e organizados para combater o comunismo eram os católicos, em especial os intelectuais que compunham a Ação Católica e o Centro Dom Vital³, e os membros da Ação Integralista Brasileira⁴.

¹ Álvaro Botelho Maia e Leopoldo Tavares Cunha Melo trabalharam na constituição do Partido Socialista Amazonense (PSA), registrado no Tribunal Regional Eleitoral do Amazonas no dia 5/4/1933. Por este partido foram eleitos deputados constituintes para a Assembleia Nacional Constituinte (1933). Em 1934 foram eleitos deputados federais pelo mesmo partido; e, em 1935, foram eleitos indiretamente governador (Álvaro Maia) e senador da República (Leopoldo Tavares Cunha Melo). Em 1935, os dois políticos tiveram divergências, as quais levaram a corrente Radical Socialista, que tinha Álvaro Maia como líder, a sair do PSA. Logo após, os Radicais Socialistas juntaram-se ao Partido Trabalhista Amazonense (PTA), formando o Partido Popular Amazonense (PPA). Diante disto, entre os meses de julho e agosto de 1935, o senador Leopoldo Tavares Cunha Melo começou a chamar Álvaro Maia de comunista. Essa acusação foi feita pelo senador, porque em julho do mesmo ano, Álvaro Maia permitiu que uma caravana da Aliança Nacional Libertadora (ANL) desembarcasse em Manaus. Os membros da ANL realizaram duas reuniões na sede do Centro Proletário Amazonense (CPA), tendo distribuído material de propaganda. Essas acusações tentaram influenciar as eleições para vereadores de Manaus, realizada em agosto de 1935, e a eleição suplementar para deputados federais e senador, realizada em setembro de 1935. Essas divergências duraram até meados de 1936, quando os Radicais Socialistas retornaram ao PSA.

² Em novembro de 1935, foi descoberto um plano para a deposição do governador do estado do Amazonas, Álvaro Botelho Maia. Esse plano foi construído por membros da ANL, tais quais: o primeiro secretário, Lycurgo Cavalcante, e o presidente, Júlio Vianna Barbosa. Trabalhadores, como, Francisco Lima (tipógrafo) e Júlio Bertholdo Moura (eletricista) também estavam envolvidos; assim como, um militar do 27º BC, chamado Antônio Laredo Reis. Sobre esse plano, que estava incluso na conhecida “Intentona” Comunista, defendemos recentemente uma dissertação de mestrado no PPGH-UFAM denominada “Uma ‘pretensa intentona’: ANL, AIB e a cultura política anticomunista no estado do Amazonas (1935-1937)”.

³ No Amazonas, o Centro Dom Vital surgiu no segundo semestre de 1937 e foi formado essencialmente por membros da Ação Católica, dentre eles, Leopoldo Peres, Antovilla Vieira, Felix Valois, Moacir Dantas – todos deputados estaduais

Logicamente, é possível perceber outras instituições e indivíduos que também se levantaram contra o “credo vermelho”, como, por exemplo, políticos, intelectuais, acadêmicos, entre outros. No entanto, a presença dos discursos dos membros da Ação Católica e dos integralistas se fazia mais intensa.

Dessa forma, neste artigo, temos como objetivo abordar as representações anticomunistas no estado do Amazonas, entre 1935 a 1937. As representações aqui trabalhadas foram veiculadas nos jornais *A Tarde*, *O jornal*, *Jornal do Commercio* e na revista *A Selva*. Antes de apresentarmos as representações anticomunistas mais recorrentes no Amazonas, se faz necessário falar, ainda que brevemente sobre as fontes aqui trabalhadas.

O *Jornal do commercio* foi lançado no dia 2 de janeiro de 1904, seu proprietário, fundador e diretor foi o português Joaquim Rocha dos Santos. O foco do jornal era a questão comercial e seu surgimento deu-se para suprir a falta de um jornal na cidade que defendesse os interesses comerciais da região (RIBEIRO, 2014, p. 27). Na década de 1930, o diretor e proprietário do jornal era Vicente Reis, o jornal possuía 4 páginas, sua redação e oficinas localizavam-se na avenida Eduardo Ribeiro, nº 92, e era vendido a 200\$ réis.

Já o jornal *A Tarde* se autodenominava “Independente e noticioso. O arauto das aspirações populares” (*A Tarde*, 27-02-1937). Seu lançamento se deu em fevereiro de 1937, era de propriedade de Aristophano Antony, o qual era pertencente a uma família tradicional do Amazonas. O jornal geralmente possuía 4 páginas e sua assinatura custava anualmente 50\$000 réis e mensalmente 35\$000 réis. Sua redação e oficina localizavam-se na rua Henrique Martins, nº 65, esquina com a rua Lobo D’amalda. Em seu lançamento o jornal se posicionou dizendo “seremos o jornal para todos os lares [...], mas, irrectutíveis nos mostraremos, ao lado das instituições e da ordem estabelecida, no bom combate às ideologias estrangeiras que ameaçam destruir os alicerces do Brasil, nesta phase

da Assembleia Legislativa do Amazonas. Segundo o presidente da entidade, André Vital de Araujo, o Centro Dom Vital surgiu com intuito de “rechristianisar a alma, o pensamento e o coração dos brasileiros, para que gravitem, eternamente, em torno da doutrina de Jesus [além de] reconstruir o que destruíram, defender o que querem solapar, com o sacrifício das gerações de nossa Pátria”. Com estes objetivos, o Centro Dom Vital manifestou-se para combater “por todas as campanhas dignas, a anarchia, a mercantilização do espírito, a comercialização das letras, a confusão da alma nacional, corrompida pela literatura sem finalidade honesta do liberalismo, do agnosticismo, do positivismo, do materialismo, do comunismo”

(*Anchieta*: Boletim catholico d’ *A Selva*, 11-1937).

⁴ A AIB surgiu no Amazonas em 1934, alcançando grande adesão. No ano de 1935, os integralistas lançaram um jornal chamado Anauê!, fundaram a Escola Deus e Pátria, mobilizaram a sociedade amazonense para a luta contra o comunismo e pela implementação do Estado Integral, tiveram como líder o professor de História Universal Paulo Eleuthério, responsável pela irradiação da ideologia integralista no norte do Brasil. Ver mais em: Aliancistas e integralistas: disputas políticas e ideológicas no Amazonas. Manduarisawa- Revista Eletrônica Discente do Curso de História UFAM, v. 2, p. 1-18, 2018.

electrizante de nossa existência política-social” (*A Tarde*, 19-02-1937). Não apenas neste trecho de sua apresentação, mas também em outros textos veiculados pelo jornal mostram a posição anticomunista do jornal.

O *Jornal* era de propriedade do senhor Henrique Acher Pinto. Foi lançado em outubro de 1930 e se autodenominava “vespertino independente, de propriedade, direção, responsabilidade e gerencia de H. Acher Pinto”, era vendido a 200\$ réis e sua redação, gerência e oficina localizava-se na avenida Eduardo Ribeiro, número 556. É interessante mencionar que o Aristophano Antony, proprietário do *A Tarde*, foi secretário d’O *Jornal* antes de fundar seu próprio periódico. No aniversário de seis anos foi publicado um texto o qual afirmava “com o nosso programa de jornal independente, sem tergiversações ou tibiezas, temos sido, na vanguarda do jornalismo regional, a sentinella avançada na defeza dos interesses amazonenses [...]” (*O Jornal*, 30-10-1936). Em seu conteúdo é perceptível a denuncia aos jogos de azar e a associação à ala conservadora da sociedade, abrindo espaço aos integralistas.

A revista *A Selva*, por sua vez, surgiu em novembro de 1937, tinha como diretor Clovis Barbosa e, como diretor-gerente, Antonio Martins. Sua redação e gerência localizava-se na avenida sete de setembro, nº 649. Os temas abordados pela revista eram, a atualidade, política, letras e problemas sociais e segundo seu diretor “A SELVA não tem deveres partidarios. Sem ser provocada, nunca entrará em choque com alguma corrente política” (*A Selva*, 09-1937). Interessante mencionar que a revista foi batizada em homenagem ao escritor Ferreira de Castro, autor do celebre romance “A selva”.

Representações anticomunistas na imprensa amazonense

No Brasil, foram diversas as formas pelas quais os grupos conservadores representaram o comunismo, todas elas acabaram por criar um imaginário anticomunista. Sá Motta (2002, p. 45) afirma que “o anticomunismo deu origem à constituição de um imaginário próprio, uma conjunção de imagens dedicadas a representar os comunistas e o comunismo [...] tais imagens concentraram-se em apontar aspectos negativos nas doutrinas e práticas comunistas”.

Imaginário, neste sentido, pode ser visto como um “conjunto de representações, crenças, desejos, sentimentos, em termos dos quais um indivíduo ou grupo de indivíduos vê a realidade e a si mesmo” (JAPIASSU, 1990, p. 129-130). Dessa forma,

É assim que, através da instalação dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de ‘bom comportamento’, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do ‘chefe’, o ‘bom súbdito’, o ‘guerreiro corajoso’, etc. [...] Porém, designar a identidade colectiva corresponde, do mesmo passo, a delimitar o seu ‘território’ e as suas relações com o meio ambiente e, designadamente, com os ‘outros’; e corresponde ainda a formar as imagens dos inimigos e dos amigos, rivais e aliados, etc. O imaginário social elaborado e consolidado por uma coletividade é uma das respostas que esta dá aos conflitos, divisões e violências reais ou potenciais [...] O imaginário social é, deste modo, uma das forças reguladoras da vida colectiva (BACZKO, 1985. p. 309).

O inimigo, o outro, no caso em questão, era o comunismo e os comunistas, que foram representados negativamente de várias de formas. Nas folhas dos periódicos aqui pesquisados, as imagens acerca do comunismo apareciam de forma esporádica. O jornal que mais apresentou representações anticomunistas foi o *A Tarde*. No periódico, o anticomunismo era abordado em diversas colunas que eram regularmente publicadas: na coluna do deputado estadual e membro do Centro Dom Vital, Leopoldo Carpinteiro Peres⁵; na coluna do proprietário e diretor do mesmo jornal, Aristophano Antony⁶; nas colunas integralistas (Coluna do Sigma e Coluna Verde); assim como, na coluna Quadrilátero da 5ª hora, escrita por Ramayana de Chevalier⁷, membro da AIB, que

⁵ Nasceu em Pernambuco, no dia 9 de agosto de 1901, filho de Manuel Carpinteiro Peres e de Maria da Paz de Gusmão Carpinteiro Peres. Aos seis anos de idade mudou-se com a família para Manaus, onde, após cursar o primário e o secundário, bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Amazonas em 1922. Depois de formado, lecionou português e literatura no Ginásio Amazonense e no Colégio Dom Bosco, na capital amazonense. Em outubro de 1934, elegeu-se deputado à Assembleia Constituinte do Amazonas. Empossado no início de 1935, com a promulgação da nova Constituição estadual em junho daquele ano, passou a exercer mandato ordinário até novembro de 1937, quando, com a instauração do Estado Novo (1937-1945). Leopoldo Carpinteiro Peres. Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/leopoldo-carpinteiro-peres>> Acesso: 01/03/2020.

⁶ Nasceu em 24 de maio de 1903, em Manaus. Filho de Leandro Antony e de Maria Ferreira Antony. Dirigiu ainda no Colegial um semanário chamado *O Monóculo*, assim como, também trabalhava como repórter do *Jornal do Commercio*. Abandonou os cursos de Direito e Agronomia, resolvendo dedicar-se apenas ao jornalismo. Mudou-se para o Rio de Janeiro onde trabalhou, entre 1927-1929, nas revistas *Fon-Fon* e *Seleta* e nos jornais *Diário Carioca*, *Jornal do Brasil*, *O Jornal* e na *Agência Telegráfica Brasileira*. De volta à Manaus, em fins de 1929, chefiou a redação do vespertino *O Dia*, que foi empastelado, em 1930, quando o movimento de 1930. Fundou *O Jornal*, no qual permaneceu, como redator-chefe, até de 1937, quando criou o vespertino *A Tarde*. Ver: BITTENCOURT, Agnello. Dicionário Amazonense de Biografias: vultos do passado. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1969.

⁷ Walmiki Ramayana Paula e Sousa de Chevalier, nasceu em Manaus, em 24 de setembro de 1909, filho dos professores, José Chevalier Carneiro de Almeida e Raimunda de Paula e Sousa Chevalier. Fez o curso primário no Instituto Universitário Amazonense, o Curso de Humanidades no Ginásio Amazonense Pedro II e o vestibular na Faculdade de Medicina do Pará, se transferindo, em seguida, para a Faculdade de Medicina da Bahia, após concluir o primeiro ano. Formou-se em Medicina em outubro de 1931. Ele desenvolveu atividades médicas, políticas, jornalísticas e intelectuais. No que tange, as atividades jornalísticas, foi redator do *Diário da Bahia*, do *Imparcial*, do *O Dia* e do *Diário de Notícias*, todos do estado da Bahia. Ver: BITTENCOURT, Agnello. Dicionário Amazonense de Biografias: vultos do passado. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1969.

abordava temas gerais, mas também falava sobre o comunismo, além de fazer propaganda integralista.

Entre os escritores das colunas mencionadas, dois eram católicos (Leopoldo Péres e Aristophano Antony) e os outros integralistas (Jayme Pereira⁸ e Ramayana de Chevalier), ambos combatiam o comunismo fervorosamente e combatiam por princípio e não de forma oportunista.

No que tange à Igreja Católica, neste momento histórico realizava-se uma “cruzada” para retomar o prestígio perdido na passagem do Império para a República. Outro aspecto importante é que, sendo o comunismo ateu e a Igreja defensora da cristandade, o conflito entre ambos já estava dado na sua concepção. A AIB também dispunha de um anticomunismo sincero, visto que via no comunismo um rival ideológico; era contra a luta de classes, contra os sindicatos desvinculados do governo e sonhavam em implantar o Estado Integral, em contraposição à ditadura do proletariado.

As imagens acerca sobre o comunismo eram diversas. Nas fontes pesquisadas, elas podem ser assim divididas: inferno soviético; “Intentona” comunista e; guerra civil espanhola. As imagens mais recorrentes, sem dúvidas, eram as sobre a União Soviética, geralmente, representada como o pior lugar do mundo ou o próprio inferno na Terra, seguida das imagens relacionadas aos levantes de novembro de 1935 e a Guerra Civil Espanhola. Essas imagens se relacionavam, em especial, com a imagem da “infiltração comunista”.

URSS

Segundo Sá Motta (2002. p. 71), “a importância da URSS para o imaginário anticomunista era tal, que grande parte das campanhas de propaganda devotadas a desacreditar o comunismo concentrava-se em atacar aquele país”. Assim como Sá Motta, a historiadora Carla Luciana Silva (2001, p. 119) defende que “de todas as características das campanhas anticomunistas uma se sobrepõe por ser o elemento central na argumentação de que o comunismo é uma ilusão. Trata-se da relevância dada à experiência soviética [...]”. O objetivo dos anticomunistas era esvaziar o discurso que se construiu em torno da “pátria do socialismo”, que afirmava que o novo modelo de sociedade

⁸ Catedrático da Faculdade de Medicina de São Paulo, membro do Supremo Conselho Integralista (*A TARDE*, 8-07-1937).

proposto pelos comunistas transformou a Rússia num país sem desigualdades sociais, onde os trabalhadores eram valorizados e não havia exploração do homem pelo homem.

No período pesquisado, observamos que as primeiras imagens negativas acerca da União Soviética chegaram a partir de obras ou textos jornalísticos de autores, intelectuais, admiradores do comunismo, curiosos, que faziam viagens àquele país e retornavam, uns com sua convicção fortalecida no comunismo e outros reavaliando sua convicção. As obras desses que voltavam desiludidos, lidas pelos anticomunistas amazonenses tornavam-se uma arma fundamental para propaganda anticomunista. Segundo Silva (2001, p. 131), esses artigos podem ser divididos em dois grandes grupos: 1. questões cotidianas da “vida nos soviets”; 2. o perigo da expansão soviética.

Foi o que aconteceu com o escritor francês André Gide, autor do livro *Retour de l'URSS*⁹. O autor já era um conhecido literário quando aderiu ao comunismo entre 1935 e 1936. Ele foi convidado pelo governo soviético para conhecer a experiência do novo modelo social e aceitou o convite, conheceu, assim, a URSS, tendo logo, se decepcionado.

Em um texto chamado *Paraíso russo* que foi publicado no jornal francês *Temps*, e reproduzido pelo jornal *A Tarde*, Jacques Boulanger¹⁰ faz algumas colocações sobre o livro de Gide. O texto ainda ganha alguns comentários do deputado estadual Leopoldo Peres que, em sua coluna, retoma alguns vezes o debate sobre o livro *Retour de l'URSS*.

E' assim que se explica que tantos escriptores inteligentes ainda se proclamem communistas, neste momento. Quanto á literatura, é de se confessar que ela perderia se Gide não tivesse tornado pelo commovedor atalho intellectual e moral que tomou para chegar até o bolchevismo e se não tivesse realizado a sua viagem recente. Com effeito, elle poderia saber, sem incommodos de viagem que o povo russo é, neste momento, victima da mais vasta burla de que jamais houve noticia. Nenhuma informação do exterior lhe chega, a não ser pelos seus jornaes, órgãos do Estado, que o enganam, segundo as occasiões, com um cynismo e uma desenvoltura incríveis. [...] Tudo é mediocre e feio na U.R.S.S (*A TARDE*, 12-03-1937).

No trecho acima, observamos que, para o autor, era estranho aos intelectuais conservadores franceses essa adesão de Gide ao comunismo e que ele poderia mesmo sem ter viajado à URSS saber do “engodo” que era o “paraíso soviético”. O autor também faz uma denúncia, afirmando que o Estado Soviético manipulava as informações ou as censurava e o povo russo, assim, era vítima de

⁹ Lançado em 1936.

¹⁰ Não encontramos nenhuma informação sobre ele, mas possivelmente ele fosse um jornalista do jornal *Temps*.

fraude dos governantes. Outra menção a esse “engodo” de que os russos eram vítimas se deu na parte final desse mesmo texto, onde o autor afirma:

O mais curioso é que aquelle pobre povo se suppões o modelo e o paradigma do universo. Os russos de hoje estão persuadidos de que é admiravel entre elles em comparação com o que existe nos outros logares. E’ com incredulidade que ouvem o que os estrangeiros lhe dizem dos telephones na França ou na Allemanha. Vivem persuadidos desde a infancia que fora da U.R.S.S. é a noite.

Ahi está a que ponto o communismo baixou a civilização da antiga Russia. Somente entre os povos antigos viram-se tyrannias semelhantes áquela sob a qual os russos vivem. Não concebem e, por isso, não desejam a liberdade de pensamento. Vale isto o mesmo que dizer, ainda uma vez que elles não pensam mais (*A TARDE*, 12-03-1937).

No sentido que Jacques Boulanger conduz sua argumentação, coloca-se o povo russo como seres alienados desde a infância e que crescem acreditando que são os ápices da civilização humana, enquanto, para o autor, o comunismo transformou em bárbaros ou civilização menos evoluída que a ocidental.

A coluna do deputado Leopoldo Peres voltou a se referir ao livro de André Gide para reafirmar suas posições acerca da URSS e, ao mesmo tempo, acusar que, longe de negar o comunismo, o autor ainda “via no bolchevismo a possibilidade de decidir o destino do mundo” (*A Tarde*, 15-05-1937). Com o título *Visão gidiana do “paraíso” vermelho*, ele retoma seu arsenal contra a URSS que para ele era o “ambiente dantesco em que se processa a trágica experiência comunista” (*A Tarde*, 15-05-1937). Dessa maneira, tentava alertar a sociedade amazonense, em especial, àqueles que tinham admiração pelo modelo soviético.

Há no Brasil, como por toda parte, notadamente em certas camadas menos esclarecidas da opinião, a idéa de que, descontadas taes ou quaes deficiências inevitaveis no curso de uma formidável renovação social, o bolchevismo vem realizando o milagre de supprimir os desniveis naturaes da condição humana, collocando os individuos num mesmo plano de vida, e assegurando-lhe, com o esforço colletivo e igual para todos, e entresenhada felicidade commum [...] Mas, será isso, de facto, o que se passa na Russia marxista? (*A TARDE*, 15-03-1937).

Para ele, toda propaganda positiva em relação à União Soviética não passava de tática da Terceira Internacional. O que se passava na URSS, na verdade, era o oposto, “a dictadura do proletariado transformou-se numa mystificação atróz. Dictadura, sim, [...], mas dictadura omisa de um homem só: Stalin. [...] as massas eslavas soffrem silenciosas, na mudez compungente de um infinito martyrio” (*A TARDE*, 15-03-1937). Neste sentido, assim como havia grupos organizados

para fazerem a propaganda positiva sobre a URSS, Leopoldo Peres trabalhava no sentido oposto, despendendo grandes esforços para não permitir que o comunismo alcançasse mentes e corações no Amazonas, denunciando a falta de liberdade e democracia e a despersonalização dos escravos.

É nesse panorama, que Leopoldo Peres propôs em seu texto intitulado *A luz que vem do oriente*:

[...] a necessidade, clamorosa e impreterível, de uma coalisão internacional para liquidar de vez com o bolchevismo. A meu vêr, os povos que se reconhecem depositários, ou garantes, do patrimonio inseqüestravel da cultura mediterranea e christã, deveriam de empreender, juntos, como resultado de um grande pacto de segurança collectiva, uma cruzada de inexoravel demolião contra os formigantes redutos da barbárie tartarêscas. Ou, quando isso não se tornasse possível, - já não digo prespiciosas considerações do direito, das gentes, que é hoje, mais do que nunca, uma fantasia pueril, mas de fundo humanitario, attentos os sacrificios que a empreza naturalmente exigiria, - que se estabelecesse, ao menos, um cordão hygienico intransponível, de modo a isolar do universo civilizado a contagiante infecção sovietica (*A TARDE*, 15-06-1937).

O deputado propôs essas duas saídas, pois, segundo ele, só assim o mundo ficaria livre do “intento” dos comunistas, que era, segundo ele, a implantação de uma República Socialista Soviética Mundial. E sendo assim, a colisão de países que se levantaria contra a URSS não poderia sofrer retaliações ou constrangimentos já que agiriam em legítima defesa. Ao mesmo tempo, porém, que propôs uma intervenção ou um cordão higiênico contra a URSS, Leopoldo Peres considera as propostas “vaga aspiração generosa e utópica” (*A Tarde*, 15-06-1937), visto que o comunismo encontrou apoio, estímulo, solidariedade e cooperação de países como França e Inglaterra.

Outros textos anticomunistas divulgados na imprensa amazonense da década de 1930 foram os produzidos pelo Serviço de divulgação da Polícia. Dentre os divulgados, destacamos dois *Como decorreu o natal Soviético* e *Vinte anos de bolchevismo*; ambos publicados na Revista *A Selva*. O primeiro foi uma reprodução de uma matéria da *Gazeta Polska*, de Varsóvia, que versava sobre o Natal na URSS.

Como decorreu O Natal Sovietico

Serviço de divulgação da policia

Por ordem da G.P.U. a festa de Natal foi declarada, há quatro annos, fora da lei e contraria ao credo vermelho. Percorrendo as ruas principaes da cidade, nestes dias, nota-se, especialmente, uma atmosfesra de pesadello. Só o facto de se pronunciar a palavra “Natal” constitue crime de alta traição.

O povo da Rússia, que contiua vivendo horas de panico silencioso e de terror suffocado, mergulhado num oceano de sangue, já não comprehende que possa existir uma festa de Natal, isto é, uma festa de paz.

Stalin, o anti-christo da época, declarou guerra aos homens e a Deus (*A SELVA*, 12-1937).

Segundo Sá Motta (2002, p. 73), “as denúncias sobre perseguições à religião constituíram-se num dos pilares das representações relativas ao ‘inferno soviético’ [...] os comunistas foram representados como perseguidores cruéis da religião, a qual pretenderiam sacrificar em holocausto à sua sanha revolucionária e iconoclasta”. A sociedade amazonense da década de 1930 era profundamente católica e este texto apresenta um ataque à festa religiosa mais valorizada pelos cristãos, o Natal – dia do nascimento do Messias, do Salvador dos cristãos. Se o comunismo atacava duramente a comemoração de uma data tão especial, os comunistas só poderiam ser maléficos, inimigos de Deus, e Stalin seria o próprio anticristo. Os textos com este teor tinham como objetivo causar medo na sociedade, demonstrando o quanto os comunistas eram cruéis e blasfemadores, afastando-a de qualquer possibilidade de simpatias ou adesão ao comunismo.

No texto *Vinte annos de bolchevismo*, escrito por Carlos Rates e publicado na *A Selva*:

[...] Não, a massa geral do povo russo não é hoje, sob o ponto de vista econômico, mais feliz do que era hontem. E não há um só observador imparcial que tenha visitado a Rússia nos últimos vinte annos que não traga de lá a impressão de uma miséria que se não encontra na Inglaterra, na Belgica, na Holanda e outros paizes civilizados que vivem sob o regimen capitalista. O capitalismo tem os seus defeitos, abusos e injustiças sociaes que exigem correccões enérgicas e decisivas. Mas é, ainda assim, menos oppressor, que um Estado totalitário, como é a Rússia soviética, que impõe o seu domínio em todas as manifestações da vida.

Se é assim, sob o ponto de vista econômico que dizer sob o ponto de vista politico? Para se encontrar um tamanho desprezo pela vida humana como aquelle que prepondera na Rússia actual é preciso recuar alguns séculos na historia dos povos. Staline não differe de Ivan, o terrivel, embora os separe uma distancia de quatro séculos. E é tudo o que nos ensina a experiencia de vinte annos de bolchevismo (*A SELVA*, 12-1937).

Segundo Sá Motta (2002, p. 75), “os anticomunistas investiram pesado para mostrar que, ao contrário das promessas de igualdade e melhoria das condições de vida dos trabalhadores, o regime bolchevista oferecia, concretamente, miséria e exploração”. Este tipo de ataque à URSS, juntamente com os ataques de conteúdo religioso, eram os que mais impactavam a população. Os textos com conteúdos religiosos atacavam a fé cristã, simultaneamente, trazia medo a possibilidade de um dia os

comunistas pudessem assumir o poder no Brasil e instalassem um estado ateu. Os textos de cunho econômico atacavam as melhorias sociais da URSS. A União Soviética era tida pelos seus simpáticos, como um lugar sem exploração do homem pelo homem, onde o proletariado vivia bem e tinha direito que nos países capitalistas eram inimagináveis. Os textos que atacavam os direitos sociais dos soviéticos visavam alertar os trabalhadores amazonenses sobre a “burla” que era o comunismo, advertindo-os que eram mentirosas as propagandas pró-soviéticas; que, ao invés de liberdade, os soviéticos estavam sob a opressão tão pior quanto no sistema capitalista. Esses textos também visavam ao afastamento dos trabalhadores de qualquer possibilidade de filiação a movimentos comunistas ou congêneres, almejando que estes permanecessem passivos diante de sua realidade.

“Intentona” Comunista

Os levantes de novembro de 1935 ofereceram imagens que foram utilizadas à exaustão pelos anticomunistas. As ações dos rebeldes proporcionaram um leque de possibilidades que todos os grupos que consideravam o comunismo um perigo iminente necessitavam para demonstrar o quanto os comunistas eram maus, suas ideias e ações eram prejudiciais a toda a sociedade.

O levante era a confirmação dos alertas feitas pelos anticomunistas; no entanto, naquele momento, não se tratava de um exemplo longínquo, mas de uma ação concreta no solo brasileiro. Segundo Sá Motta (2002, p. 76), “o episódio sofreu um processo de mitificação, dando origem a uma verdadeira *legenda negra* em torno da ‘Intentona Comunista’”. As ações dos comunistas geraram uma gama de representações e essas sofreram no decorrer dos anos um processo de solidificação no imaginário político brasileiro, chegando à década de 1960, quando houve a terceira onda anticomunista¹¹, totalmente consolidada.

Dessa forma, logo após os levantes de novembro de 1935, foi publicado no *Jornal do Commercio* um interessante discurso do deputado estadual Aristides Rocha, que versava sobre os referidos levantes:

Quem quer que haja acompanhado com interesse o crime político dos últimos dias de Novembro, as torpes ignominias que se deram no Rio Grande do Norte, Recife

¹¹ Para o historiador Rodrigo Patto Sá Motta (2002) tiveram no Brasil três ondas anticomunistas, ou seja, três períodos que o anticomunismo foi utilizado de forma vigorosa pelos conservadores, os períodos foram de 1935 a 1937, 1946 a 1950 e 1961 a 1964. Das três ondas anticomunistas, duas culminaram com regimes ditatoriais.

e na Capital Federal; e em menor escala, em outros pontos do paiz, guarda, por certo, a convicção profunda de que a celebre Terceira Internacional declarou guerra ao Brasil e ao seu povo liberal, patriota, generoso, pretendendo transformar nossa terra numa colonia infame de tyrannia vermelha.

Nossas instituições liberaes, implantadas pela unanimidade dos brasileiros, em jornadas cívicas memoráveis e civilizadas, foram alicerçadas nos ensinamentos limpidos, sereno e humanos da moral christã. A cima de tudo colocamos o respeito pela vida humana. A liberdade de pensamento, de reunião, o culto pela família, o respeito pela propriedade, são principios dogmaticos do regimen. Somos filhos de uma grande nação, rica, tranquilla, temente a Deus, de caracter compassivo e doce. [...] (*JORNAL DO COMMERCIO*, 19-12-1935).

O discurso do deputado coloca desde o início que a mentora do levante foi a Terceira Internacional, não cabendo qualquer nuance quanto a isso. Posteriormente, o deputado católico invoca o caráter cristão da sociedade brasileira, dando a entender que essa característica era inconciliável com o comunismo. O deputado prosseguiu:

[...] Maldição aos mãos brasileiros que se vendem ao ouro de Moscou, que estão ao seu serviço, trahindo a propria patria. [...] Louvores e congratulações a todos os que, em defesa da patria, estão vigilantes contra a propaganda malsã, tomando providencias punitivas e preventivas para suffocar a incursão dos tartaros e mongoes em terras americanas (*Jornal do Commercio*, 19-12-1935).

Este segundo trecho do discurso do deputado já coloca em pauta uma representação importante para a consolidação do imaginário anticomunista no Brasil: a associação dos rebeldes a “traidores da pátria”. Segundo Sá Motta (2002, p. 78), essa imagem foi fundamental na construção negativa sobre o comunismo, pois ela tem duas faces: a primeira relacionada à traição da Pátria, já que na visão dos anticomunistas os rebeldes de 1935 agiam sob ordem da Terceira Internacional, e, em segundo lugar, porque esses homens traíram a instituição militar, quebrando sua hierarquia.

Interessante mencionar também que, mais tarde, essa imagem ganharia um tempero a mais. Entre o começo de 1936 e 1937, devido à batalha no 3º Regimento de Infantaria, começou-se a reproduzir que os rebeldes teriam assassinado soldados legalistas, que estavam dormindo na madrugada do dia 27 de novembro de 1935, no início do levante naquele quartel. No momento que o deputado Aristide Rocha proferiu esse discurso, essa imagem ainda não estava em voga, apenas em

1936 é que ela começa a ganhar corpo. O fato é que tal imagem ganhou o imaginário da sociedade, ainda que o próprio Relatório Bellens Porto¹² nada tenha dito a respeito.

O deputado atacou, também, aquilo que ele acreditava serem as ações dos rebeldes e fazendo isso ele pretendeu atacar a índole dos mesmos, associando a todas as atitudes que caracterizam desvio de moral e crueldade. Assim, além de revoltar as Forças Armadas contra a própria pátria, os “comunistas” iriam saquear, invadir domicílios, fuzilar oficiais e civis que não fossem comunistas, além de matar os burgueses (*JORNAL DO COMMERCIO*, 19-12-1935). Chama a atenção também que o deputado transmite um alerta à sociedade amazonense, afirmando que os “comunistas” “já deram uma pequena amostra”, insinuando que poderiam acontecer novamente atos como os de novembro e, além disso, esses possíveis atos poderiam ser piores.

Morreram mais de quatrocentas pessoas, mais de mil foram feridas. Propriedades no valor de mais de dez mil contos foram destruídas; mais de cinco mil contos roubadas, lares invadidos e desrespeitados! [...] A minoria desta casa, essencialmente conservadora, já manifestou o seu ponto de vista de combate integral ao comunismo. Novamente concita ao povo do Amazonas a dar combate sem treguas a todos os indivíduos, partidos e corporações que defendam essa ideologia criminosa (*JORNAL DO COMMERCIO*, 19-12-1935).

Além de exagerar no número de mortos, ele conclama a sociedade amazonense para combater com todas as forças o comunismo, incitando combater não só pessoas, mas partidos e corporações que apoiassem essa ideologia. Percebe-se que quando ele fala “partido”, não está se referindo ao PCB, até então inexistente no Amazonas, mas buscava desde já associar o comunismo com o Partido Popular Amazonense (PPA), em especial, a ala trabalhista, que eram seus desafetos políticos; e que, alguns membros, apoiaram a ANL quando esta funcionava legalmente.

Neste bojo, percebemos que, a consolidação da tradição anticomunista no Brasil começa com a própria nomenclatura utilizada para se referir ao fato. O termo “intentona” significa intenção louca, plano insensato, motim. É importante frisar que esse termo não foi usado de imediato, outros termos ganharam as páginas dos jornais, apesar de “intentona” também ser utilizado por jornalistas, os termos mais repetidos, inclusive pelo Estado, foram: movimento subversivo, movimento comunista, surto comunista; revolta, revolução comunista, revolução marxista, levante, insurreição e movimento

¹² Eurico Bellens Porto foi o delegado que apurou os acontecimentos no Rio de Janeiro, tendo enviado ao Tribunal de Segurança Nacional um relatório dividido em três volumes: 1. Denúncia das cabeças da revolução de 27 de novembro de 1935; 2. Denúncia dos co-réus que pegaram em armas na revolução de 27 de novembro de 1935 e; Denúncia dos Parlamentares co-réus da revolução de 27 de novembro de 1935.

extremista (*JORNAL DO COMMERCIO*, 24-12- 1935). O fato é que com o passar dos anos os demais termos desapareceram e o emprego do termo “intentona” se consolidou. Outro ponto importante é que o termo “intentona” não é exclusivo dos comunistas, o levante de 1938 encabeçado pela AIB também ganhou essa alcunha, os movimentos tenentistas da década de 20 também, porém o termo foi empregado com mais força ideológica quando referente ao levante de 1935 (SÁ MOTTA, 2002. p. 76-77).

Em relação à questão da suposta traição da pátria e da instituição militar, podemos argumentar, baseando-se em Sá Motta (2002), que levantes como os de novembro de 1935 aconteciam no Brasil desde a década de 1920 e que aqueles que se rebelaram em 1922, 1924, 1930 não foram tachados de “traidores”. Há diferenças entre os levantes, mas tachar apenas de traidores os rebeldes de 1935 parece-nos oportunismo por parte daqueles que não queriam apenas derrotá-los no campo de batalhas, mas também no campo do imaginário.

Outro elemento da construção da legenda negra do anticomunismo foi o fortalecimento da representação de “duplos traidores” com a dicotomia “heróis x traidores”. Se havia “traidores” vis que serviam ao “ouro de Moscou”, havia também os “heróis nacionais” que morreram defendendo o Brasil. O número de mortos nos confrontos é, igualmente, questionável, tendo ficado entre 60 e 100 mortos (SÁ MOTTA, 2002. p. 82), somados os dois lados, e não quatrocentas como afirmou o deputado estadual Aristides Rocha.

Um ano após a derrota dos levantes, passou-se a realizar “romarias cívicas” aos cemitérios¹³ onde haviam sido enterrados os oficiais e subalternos legalistas mortos nos confrontos no Rio de Janeiro. O governo não se empenhou tanto no evento, mas houve grande mobilização e participação dos integralistas. No entanto, com o êxito das peregrinações, o governo, a partir de 1937, passou a coordenar a “romaria” e tornou-a oficial. Em 1940, inaugurou um monumento dedicado aos mortos. Reuniu, assim, todos os restos mortais, num mausoléu localizado na Praia Vermelha (Rio de Janeiro), dando fim a uma dificuldade sentida pelos participantes da peregrinação que tinham que andar aos dois cemitérios, o que acabava dispersando o público. Com a inauguração do mausoléu, todos se concentravam em um só lugar.

¹³ Os oficiais foram enterrados no Cemitério São João Batista, enquanto, os subalternos no Cemitério São Francisco Xavier.

O monumento, segundo Sá Motta (2002, p. 83), foi criado para que se “fixasse a memória oficial sobre o levante” e, assim, tornou-se peça principal para o proselitismo dos ideais anticomunistas. O ritual continuou ser realizado durante década – e até hoje ainda é celebrado – sendo dedicado menos aos mortos e mais aos vivos, no sentido de alertar a sociedade sobre “perigo vermelho”.

Importante esclarecer que, segundo Sá Motta (2002, p. 189), havia uma razão que levava a toda essa mobilização contra o comunismo, pelo menos no período pós-levantes. O medo ao comunismo era real, apesar de muitas vezes a realidade e as representações serem distorcidas pelos anticomunistas. Nos levantes de novembro de 1935, primeiramente, mobilizaram-se importantes quartéis das Forças Armadas, como o 29º BC, o 3º Regimento de Infantaria, e contou com um número considerável de homens que se dedicaram à rebelião. Segundamente, durante as batalhas morreram um número significativo de combatentes. Terceiramente, mesmo sem a possibilidade de êxito devido a vários fatores, os rebeldes teriam causado mais danos, caso o plano de Prestes houvesse sido concretizado. Frente a isso, não nos parece exagero o pavor que demonstrava a sociedade nos momentos posteriores aos levantes; As representações criadas sofreram exagero, mas os levantes foram reais, assim, como as mortes e os objetivos dos rebeldes em constituir um governo popular e revolucionário.

Diante do exposto, não há como desconsiderar sincero o medo sentido por grande parte da população em relação aos eventos, não podemos também dizer que, de fato, os eventos não ameaçaram a ordem, até então, vigente. O que nos cabe questionar aqui é a potencialização das representações, com claras intenções de macular o evento. Acerca da acusação de serem os rebeldes subordinados de Moscou, podemos questionar o próprio programa dos levantes, que foi o programa da ANL¹⁴; podemos indagar a participação de pessoas não comunistas no evento; por fim, podemos afirmar, como se tem defendido neste trabalho, que os levantes de novembro de 1935 estavam inseridos num contexto de lutas nacionais contra o governo Vargas, contra o fascismo e o imperialismo.

¹⁴ (1º) governo popular, orientado somente pelos interesses do povo brasileiro; (2º) gozo das mais amplas liberdades populares; (3º) suspensão definitiva do pagamento das dívidas imperialistas; (4º) nacionalização imediata de todas as empresas imperialista; (5º) proteção dos pequenos e médios empresários e lavradores, com a entrega das terras dos grandes proprietários aos camponeses e trabalhadores rurais que as cultivam.

Em 1937, no momento em que era divulgada no país a descoberta de um “novo plano comunista”, que ficou conhecido como “Plano Cohen”, os anticomunistas amazonenses voltaram a utilizar as representações acerca da “Intentona” Comunista. A retomada da imagem dos levantes de 1935 foi reforçada no Amazonas por meio da publicação da suposta diretiva dos agentes de Moscou. A diretiva com as orientações foi publicada no próprio jornal *A Tarde*, na Coluna Verde, pertencentes aos integralistas amazonenses, o colunista era o chefe provincial Jayme Pereira¹⁵, uma liderança integralista de relevância nacional.

A correspondência – publicada no *La Correspondance Internationale*, órgão oficial da Terceira Internacional, editado em Paris, segundo o chefe provincial – que se destinava ao Brasil girava seu debate em quatro tópicos: I - Bloco democrático Nacional Libertador; II - Bloco José Américo X Vargas; III - Bloco Armando Salles – Flores da Cunha; IV - Os integralistas. Nos tópicos foi definido cada ponto, indicando, inclusive, onde esses grupos tinham mais influência na sociedade. Por fim, o chefe provincial interpretou que os comunistas estavam, naquele momento, próximos de outra incursão no Brasil e que eles se aproveitariam da eleição – que estava polarizada entre José Américo e Armado de Salles – para darem seu golpe (*A TARDE*, 17-08-1937/ 18-08-1937).

Após a divulgação desta diretiva, as colunas de Leopoldo Peres, Aristophano Antony e Jayme Pereira passaram a atacar e a denunciar com mais afinco os novos “planos comunistas”. Aristophano Antony publicou *Brasileiros, sentido!* onde relembra a apreensão de novembro de 1935 “nada obstante dizer-se que o movimento de novembro de 1935 não passou de uma infeliz <quartelada>, até agora se não apagou do espírito público a profunda impressão da amargura e de espanto deixada pelo entrechoque de irmãos, culminando com o arrasamento do quartel do 3º R.P” (*A TARDE*, 17-08-1937). Já Leopoldo Peres em *Garra de Moscou* afirmou que “tudo leva à convicção de que estamos realmente às vésperas de um movimento accionado pelo ouro moscovita, tal como em 1935, mas, já agora, com outras possibilidades de bom êxito, attendendo-se á comparsaria dos políticos [...]” (*A TARDE*, 21-08-1937).

As interpretações dos agentes mencionados, embasadas nas diretivas publicadas por Jayme Pereira, davam como certa uma nova tentativa de levante comunista no Brasil. O mais interessante

¹⁵ O jornal *A Tarde* noticiou no dia 8 de julho de 1937 a chegada do catedrático da Faculdade de Medicina de São Paulo, membro do Supremo conselho Integralista, Jayme Regalo Pereira. Este estava retornando ao Amazonas para chefiar a província integralista do Amazonas (*A TARDE*, 8-07-1937).

nessa denúncia é o fato de eles alertarem a população amazonense reavivando as memórias de novembro de 1935 e, fazendo isso, acreditamos que objetivavam reacender o medo na população; além disso, convocar as instituições, o governo e as pessoas para um novo combate ao comunismo.

No que tange a “comparsaria dos políticos” citada pelo deputado, percebemos que se tornaram comuns, na época, denúncias desse tipo. Os anticomunistas criticavam as chapas de José Américo e Armando de Salles, afirmando que a presença de pessoas que eles consideravam comunistas era prejudicial ao pleito. Viam igualmente essas presenças como parte do plano da Terceira Internacional para dominar o Brasil.

Neste sentido, percebemos que Leopoldo Peres tomou para si a denúncia aos políticos que, segundo ele, apoiavam o comunismo e que faziam parte dos novos planos da Terceira Internacional. Dizia o deputado “que não escrupulizam em disputar a solidariedade e o apoio dos chefes leninistas no Brasil. Haja vista o sr. Pedro Ernesto, que faz parte da comissão executiva da União Democrática Brasileira...”. Pedro Ernesto, em 1935, era simpático às causas da ANL; mas quando houve os levantes de novembro, foi um dos quais denunciou a Getúlio Vargas os planos subversivos no Rio de Janeiro (VIANNA, 2011, p. 347). Ele foi preso acusado de extremista, apesar de não ter participado dos levantes. Em 1937, foi solto quando arrefeceu o Estado de Guerra e o ministro Macedo Soares liberou parte dos presos que não tinham denúncia formal. Em liberdade, ingressou à candidatura de Armando de Salles e, talvez, por isso, o deputado Leopoldo Peres, lembrou propositalmente a proximidade de Pedro Ernesto com a ANL, acusando-o de comunista.

Ainda no contexto da descoberta de “uma nova intentona comunista”, o editor chefe do jornal *A Tarde*, Aristophano Antony, afirmou:

E' que a nação, ainda abalada pelos ltuosos factos de Novembro de 35, guardava a profunda impressão das horas amargas por que passara, sabendo o povo brasileiro que ellas foram o resultado das sombrias manobras de elementos estrangeiros, que, talvez, por excessiva condescendencia, conseguiram se infiltrar nas proprias organizações destinadas á defeza do paiz, para <corromper acima das seducções de uma ideologia malsã>. Não se detiveram, nem mesmo deante do revés soffrido, os agentes da U.R.S.S (*A TARDE*, 18-08-1937).

O jornalista, nesse trecho, retoma algumas imagens associadas aos levantes de 1935, reafirmando que o ato foi planejado pela Terceira Internacional e que, mesmo com a derrocada dos levantes de novembro de 1935, os comunistas não desanimaram e que já tinha se infiltrado nas

instituições do país novamente. Ao afirmar isso, o jornalista reforça a imagem de duplo traidores, da pátria e da instituição militar, assim como de também reforçar a imagem da “infiltração comunista”.

Quando, no final de setembro de 1937, o Estado Maior das Forças Armadas divulgou o “Plano Cohen”, os anticomunistas amazonenses se acharam cobertos de razão, pois desde o meio do ano eles afirmavam que os comunistas estavam preparando uma nova intentona. Em *Denunciando a mashorca*, Leopoldo Péres afirma:

A revelação do plano terrorista apreendido aos agentes do komintern pelo estado-maior do Exército, motivando a decretação do estado-de-guerra, não constituiu surpresa para os que veem na realidade a hora presente do Brasil. Surpresa terá sido, quando muito, para os que, ainda hoje, e embora a evidencia meridiana das coisas, se obstinam em não acreditar no comunismo em nosso paiz, preferindo admittil-o como uma illusão de espíritos timoratos ou como um expediente de reação politica, uma arma de oppressão dictatorial, a serviço de objectivos inconfessáveis do poder. Vejamos si a documentação agóra divulgada, trazendo á luz da publicidade, em todos os seus pormenores, as directivas trágicas de Moscou, logrará convencer a esses incrédulos, arrancando-os da apathia a que displicentemente se entregam, indifferentes ao trabalho e á mobilização da horda vermelha que se organizou no Brasil para aniquilar o Brasil (*A TARDE*, 04-10-1937).

O plano divulgado confirmava todas as suas impressões sobre conjuntura política pré-eleitoral e mostrava àqueles que se faziam indiferentes à luta anticomunista – uns por convicção e outros por conveniência – que mais do que discursos fantasiosos, o comunismo era real almejava destruir a sociedade brasileira.

Em setembro, Leopoldo Peres publicou em sua coluna um texto intitulado *Erros de 35*, no qual o deputado continuou abordando o Plano Cohen:

O esquema apreendido aos agentes de Stalin teve, logo depois, a indispensável divulgação. E o paiz ficou simplesmente boquiaberto, estarecido, diante da machina infernal que se prepara na surdina para destruir os lares brasileiros, dilacerar, ensanguentar, dividir e arrazar o patrimônio histórico, politico e moral, nacional. [...]

Assim, a primeira recomendação, e a mais importante, que os asseclas stalinêscos fazem aos seus, camaradas destas latitudes, para que não fracasse a jornada, é a de que não se repitam <os erros de 1935>. A mashorca não deveria, já agora, partir dos quartéis para a massa sinão, bem ao contrario, da massa, manobrada <tecnicamente>, para as casernas, onde o trabalho se completaria como reflexo inevitável da agitação collectiva. [...]

<Si na revolução de 1935 nossos camaradas não commeteram o erro das violências inúteis – dizem as directivas de Stalin - commetteram e em grande escala o das violências insufficientes, a violência deve ser planificada, deixando de lado qualquer sentimentalismo, não só favorável aparentemente ao local revolucionario como

também á piedade comun>! Taes as disposições dos sclerados do Komintern no opprimir e desgraçar o Brasil (*A TARDE*, 5-11-1937).

O deputado mais uma vez ataca o que ele considera que seria a ação dos comunistas, quando afirma que em surdina eles planejavam atacar novamente o Brasil, fazendo todo tipo de monstruosidade. Importante observar também que esse plano de ataque ao país mais uma vez partia do estrangeiro, e não só isso, elas vinham diretamente das mãos de Stalin. O texto enfatiza qual a tática que deve ser adotada nessa nova empreitada, e sobremaneira, acentua o grau de violência que as ações dos rebeldes teriam. Textos como este e notícias publicadas diariamente naquele momento causaram medo na população, interessante também mencionar, que esse clima de pânico só cessou quando foi dado o auto-golpe, no dia 10 de novembro. Após a decretação do Estado Novo, as denúncias contra a ameaça comunista desapareceram paulatinamente do jornal *A Tarde*.

Como percebemos, a partir do momento em que houve um processo de maior abertura política no país, em julho de 1937, com o fim do Estado de Guerra, surge novamente um recrudescimento das campanhas anticomunistas, que pareciam arrefecidas, principalmente após o governo ter tomado uma série de providência para combater o comunismo.

Essas novas campanhas contra os “vermelhos” foram encabeçadas, em especial, por católicos e integralistas e, como defende Sá Motta (2002, p. 228.), nesse momento, essa campanha anticomunista era menos sólida do que aquela presenciada pós-levantes de 1935; nesse sentido, podemos apontar um caráter duplo dessa ofensiva anticomunista. Por um lado, ela era oportunista, pois essa ofensiva foi realizada para que fosse novamente aprovado o Estado de Guerra e, posteriormente, para que se concretizasse o golpe de novembro de 1937; por outro lado, devemos relativizar esse “oportunismo”, pois essa nova “onda” anticomunista foi encabeçada por aqueles que combatiam com sinceridade o comunismo: católicos, integralistas e militares.

Não podemos esquecer-nos de mencionar também o caráter principal das “ondas anticomunistas”, ambas serviram para que se implantassem no país regimes autoritários. A primeira onda anticomunista (1935-1937) proporcionou a implantação do Estado Novo, que durou 8 anos; a segunda onda anticomunista não resultou numa ditadura, mas justificou ações repressivas contra a esquerda, como contra o PCB, por exemplo, que voltou a ilegalidade; a terceira onda anticomunista (1961-1964) jogou o país numa ditadura que durou 25 anos e suas conseqüências se fazem sentir até hoje.

Guerra Civil espanhola

A Guerra Civil Espanhola teve início em julho de 1936 e terminou em abril de 1939. Segundo Paulo Roberto de Almeida em seu texto, *Brasileiros na Guerra Civil Espanhola: combatentes na luta contra o fascismo*, durante todo o conflito, tanto os republicanos, quanto os monarquistas e direitistas, contaram com apoio internacional e solidariedade política e material de suas correntes de adesão respectivas. Ou seja, de um lado o campo democrático e comunista internacional e, por outro lado, as forças organizadas do nazi-fascismo europeu. Dentre essa ajuda, estava o envio de contingentes de combatentes estrangeiros – voluntários e profissionais (ALMEIDA, 1999, p. 35).

A Guerra Civil Espanhola foi um combate sangrento que marcou a primeira metade do século XX e teve repercussão mundial. No Amazonas não foi diferente, dentre os jornais pesquisados *O Jornal* e *A Tarde* foram os que deram mais destaque ao evento. *O Jornal* deu ênfase ao ocorrido desde o desencadeamento dos combates, em julho de 1936. Algumas matérias do jornal tiveram por título: Situação Hespanhola (12-08-1936); Revolução Hespanhola (24-08-1936); Os horrores da guerra na Hespanha (18-11-1936) e; Guerra Civil Espanhola: aspectos fotograficos (15-11-1936). Por sua vez, o jornal *A Tarde*, inaugurado no início de 1937, explorou a Guerra Civil Espanhola desde suas primeiras edições. As primeiras informações veiculadas pelo jornal foram por meio de notas telegráficas que ocupavam parte da sua capa: “Aperta-se o cêrco em torno de Madrid” (19-02-1937), seguida por “A Hespanha continúa agitada” (22-02-1937) e “Valencia bombardeada!” (24-02-1937).

Francisco J. Romero Salvadó em *A Guerra Civil Espanhola* afirma que:

Por todo o mundo, filmagens e editoriais da imprensa diária mostravam a realidade de um pesadelo que consumia um país atormentado. Para a opinião conservadora e católica, os nacionalistas defendiam os valores de uma civilização cristã ameaçada pelo comunismo e pela anarquia. Nos círculos liberal e trabalhista, a República constituía a última chance de defesa da liberdade antes do inexorável avanço da reação política por todo o continente. Além do mais, a consciência do envolvimento alemão e italiano reforçou o apelo romântico de uma República sitiada pelas forças internacionais do fascismo (ROMERO SALVADÓ, 2008, p. 112).

Ambos os jornais – *O Jornal* e *A Tarde* – eram de orientação conservadora e, assim, foi rotineira a publicação de matérias e colunas em apoio aos nacionalistas e a Francisco Franco. Dessa forma, outra representação bastante explorada pelos anticomunistas amazonenses foram as que

tangem à Guerra Civil espanhola. Ao lado das representações relacionadas aos levantes de novembro de 1935, as imagens dessa guerra eram utilizadas como exemplo da ação dos comunistas, numa tentativa de demonstrar à sociedade amazonense, a crueldade dos comunistas e, assim, afastando qualquer possibilidade de mudança radical.

Os membros da Ação Católica, em especial Leopoldo Péres, utilizaram bastante das imagens produzidas pela guerra; no entanto, esse deputado acentuou os ataques dos “movimentos comunistas” contra a igreja, para demonstrar à sociedade e, em especial, aos católicos o quanto a luta contra o comunismo era importante, pois, em caso de vitória da revolução mundial, a Igreja seria exterminada.

Dessa forma, no texto *O terror vermelho* o deputado denuncia as “atrocidades” cometidas pelos “comunistas” contra a Igreja Católica; além disso, tentou demonstrar embasado no *Livro Vermelho de Espanha*, produzido pelo Anti-komintern, que a gênese da Guerra Civil Espanhola foi responsabilidade da Terceira Internacional. Segundo ele:

De sorte que a deposição do presidente Alcalá Zamora, as agitações syndicalistas, as greves, a perseguição aos sacerdotes catholicos, o incendio sãs igrejas e mosteiros (<nada menos de 347!), todos os tristes acontecimentos que precederam a revolução libertadora de Franco, obedeciam ao programma da mashorca comunista imminente, elaborado nos mínimos pormenores, em sessão do komnintern, de 27 de fevereiro de 1936, mas já em execução desde 1931, nas fórmias preparatórias do terror prerevolucionario. O que vem a significar, em ultima analyse, que a hecatombe castelhana deve ser levada, única e exclusivamente, á responsabilidade nefanda do bolchevismo (*A TARDE*, 03-09-1937).

O autor não leva em consideração que o texto foi produzido por quem eram antagonistas dos comunistas – o Anti-Komintern, de Berlim –, não cabendo dúvidas ou nuances sobre a responsabilidade dos comunistas na deflagração da Guerra, pois segundo o deputado “E”, antes, um inquerito de amplas proporções, e amplamente documentado, que não deixa duvida aos mais sceptico quanto á exatidão dos dados, nelle coligidos, de referencia ás arripiantes façanhas da barbárie eslava nas terras de oiro e sangue da pensinsula”. Além de indicar a violência contra a Igreja, o deputado demonstrou sua posição em relação à guerra quando trata o movimento golpista de Francisco Franco como “revolução libertadora”.

Ainda nesse texto, o autor volta a enfatizar as ações dos comunistas num sentido moralizante, embasado na mesma obra e alegando que esta estava amparada por um gama de documentos:

[...] o maior interesse da obra, como libello anti-communista, está na opulenta reportagem photographica que o ilustra, reproduzindo, em fac-simile, os depoimentos prestados, e em nítidas gravuras, a destruição de templos e imagens; a profanação de sepulturas e a exumação de múmias; os estupros, os actos de sadismo; os fusilamentos de mulheres e creanças; o extermínio de sacertodes a bomba de dynamite; o uso de instrumentos de tortura para arrancar os olhos aos pacientes; as execuções em massa, a petróleo e a fogo, - todo panorama innominavel, toda a paisagem dantesca, toda a iconoclasia e todos os furores sacrilegos e homicidas, que caracterizam o <terror vermelho>, nas suas habituaes manifestações (*A TARDE*, 03-09-1937).

Ao denunciar os atos dos “comunistas”, Leopoldo Péres enfatiza que aquele período era o momento decisivo da luta entre o comunismo ateu contra a Igreja Católica. Segundo ele, “se verifica que o comunismo russo, provocando e eternizando a guerra civil na Hespanha, empreende uma das jornadas mais decisivas do seu plano diabolico, no afan infatiavel de tripudiar, um dia, sobre os escombros da civilização christã”.

Segundo Francisco J. Romero Salvadó (2008, p. 177), durante a Guerra, “a Igreja confirmou seu papel como principal propagadora da visão maniqueísta dos nacionalistas a respeito da guerra e responsável ideológica por sua legitimidade”. E ao apoiar Francisco Franco a Igreja auferiu, ao final da guerra, grande prestígio ganhando o monopólio da educação e do serviço social na Espanha. Espaço este comparado apenas pelo protagonismo que detinha no período monárquico.

Deste modo, simultaneamente, anunciava a batalha final entre o comunismo e a Igreja Católica, Leopoldo Péres, em outro texto, denominado *a estranha aventura de Soror Pilar, miliciana vermelha*, apresenta uma interessante história de uma líder religiosa católica chamada Soror Pilar, que:

No convento das carmelitas de Limonar, as irmãs de caridade a tudo assistem, transidas, preparando-se, em orações soluçadas de joelhos, diante dos altares illuminados, para o sacrificio que não tarda. Subito, Soror Pilar, a superiora da congregação, como sob uma advertência heroica, exorta ás suas irmãs em cristo que abandonem o cenóbio, sob vestes seculares. E Ella, Soror Pilar, que iria fazer? “Que deus vos proteja, na sua infinita misericordia! Confiae nelle. Pedirei por vós!” Ficou só, e ao alvorecer, disfarçada, deixa, por sua vez, o convento. Mette-se num “mono” de F.A.I. Aggrega-se ao primeiro bando. Armada até os dentes, ningguem a excede na “caça” aos “inimigos” do povo. Trabalha dia e noite. Encarrega-se dos “fuzilamentos”. E a pretexto de combater a Deus, serve á causa de deus como ninguem. E assim salva velhos, mulheres e crianças; dá evasão a sacerdotes e freiras; attende a enfermos e feridos evita, quando póde, a “razzia” e a morte (*A TARDE*, 19-04-1937).

Para Francisco J. Romero Salvadó, nessa guerra, havia sectários e extremistas em ambos os lados. Todos ávidos para resolver antigas disputas e eliminar seus adversários. E a Igreja Católica, neste bojo, tornou-se objeto privilegiado do ódio popular, pois os membros do clero eram identificados como defensores culturais do *status quo*, era conivente com a opressão social e exigia a aceitação popular do domínio natural das classes governantes. Dessa forma, construções e símbolos religiosos se tornaram alvos da fúria da multidão. Igrejas, mosteiros e conventos foram pilhados, saqueados e queimados, ou ainda transformados em lojas, hospitais, cantinas públicas e até em salões de baile. No total 6.844 membros do clero – incluindo 13 bispos – foram mortos (ROMERO SALVADÓ, 2008 p. 147-150).

A história de Soror Pilar, narrada por Leopoldo Péres, a nosso ver, foi enunciada pelo autor para animar a população católica na luta contra o comunismo, dando exemplo, de como as hostes católicas devem agir nessa luta renhida. Não sabemos se realmente a irmã Soror Pilar existiu ou se, de fato, essa história foi real. No entanto, podemos imaginar que uma história como esta, lida por um público católico num período de constantes conflitos entre a Igreja e o comunismo, pode servir tanto para consolidar a imagem dos “comunistas” como maléficos, como também, animar seus pares nessa luta de “vida ou morte”.

Interessante mencionar, também, que apesar de atribuir esses atos aos comunistas, o deputado cita a Federação Anarquista Ibérica (F.A.I.) como a que protagonizou a invasão a Malaga. A tática do deputado pode ser explicada pelo fato de que o anarquismo no Amazonas não representasse uma força significativa a ponto de amedrontar a sociedade, por isso, a associação ao comunismo que, no momento, era visto como o inimigo a ser batido. Também podemos supor que essa associação pode ter sido usada por desconhecimento ou mesmo descuido do deputado, não especificando, nem diferenciando, comunistas de anarquistas ou mesmos de outras forças de esquerda que lutavam na Guerra Civil Espanhola.

Considerações Finais

Como demonstrado, essas representações eram as formas que os grupos anticomunistas viam ou desenhavam o comunismo e os comunistas. Essas representações mobilizavam ações concretas na guerra contra o “credo vermelho”. As três representações apresentadas neste artigo foram as mais

difundidas nos periódicos pesquisados, elas também se vinculavam a outras representações menos veiculadas como infiltração, doenças, horda, alcateias, etc.

A primeira representação (URSS) serviu para demonstrar à população amazonense que a propaganda comunista não passava de falácia, que era o “paraíso vermelho”, na verdade, era um “inferno”. Lá os trabalhadores não estavam em melhores condições que os proletários amazonenses, lá não havia liberdade, democracia, todos tinham que fazer as vontades de Stálin. Na URSS, as pessoas também não podiam celebrar o natal e eram enganadas desde a infância.

A segunda representação (“Intentona” comunista) serviu para os grupos anticomunistas demonstrarem na prática – segundo eles – o quão perverso era o comunismo e como seria o Brasil caso o comunismo viesse um dia vencer. Os anticomunistas acusaram os rebeldes de estupro, roubo, traição à pátria, traição às Forças Armadas, pois estariam agindo sob a ordem de Moscou. E por isso, era de suma importância que não se permitisse que essa cultura política viesse a se proliferar no país, para isso se fazia necessária uma série de medidas para conter a infiltração comunista.

A terceira representação (Guerra Civil Espanhola) também versava sobre as maldades dos comunistas, mas visavam a um público fundamental, os católicos. O fato de a Igreja Católica apoiar abertamente Francisco Franco contra os republicanos e ter tido várias de suas igrejas queimadas e alguns de seus membros mortos, colocava em alerta e em pânico os católicos amazonenses, pois se os comunistas eram capazes de matar “homens de Deus”, sinal de que eles eram servos de “satanás” e os católicos amazonenses tinham que fazer frente a ele, quer seja impedindo seu proliferamento, quer seja se apegando mais a Deus e à Igreja.

Fontes:

Jornal do Commercio, Amazonas, 1935-1937;

Jornal A Tarde, Amazonas, 1937.

O Jornal, Amazonas, 1935-1937;

Revista Cabocla, 1936, N. 4;

Revista A Selva, 1937;

Mensagem do Governo do Estado do Amazonas, 1936;

Anais da Assembleia Legislativa do Amazonas, 1935;

Referencias

- ALMEIDA, Paulo Roberto de. Brasileiros na Guerra Civil Espanhola: combatentes na luta contra o fascismo. **Revista de Sociologia e Política**, n. 12, p.35-66, jul. 1999.
- BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário Amazonense de Biografias**: vultos do passado. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1969.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi (Anthropos-homem)**, Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985.
- BONET, Luciano. Anticomunismo. In: BOBBIO, Norberto (Org.) **Dicionário de política**. Brasília: UnB, 1986.
- BOTTOMORE, Tom (Org.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- RIBEIRO, Priscila Daniele Tavares. **Do Burgo Podre ao Leão do Norte**: o Jornal do Comercio e a modernidade em Manaus (1904-1914). 2014. 133 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Amazonas, 2014.
- RODEGHERO, Carla Simone. **O diabo é vermelho**: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964). 2 ed. Passo Fundo: UPF, 2003.
- ROMERO SALVADÓ, Francisco J. **A Guerra Civil Espanhola**. Tradução: Bárbara Duarte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- SÁ MOTTA, Rodrigo Patto de Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**: O Anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva, FAPESP, 2002.
- SILVA, Carla Luciana. **Onda Vermelha**: imaginários anticomunistas brasileiros (1931- 1934). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- VIANNA, Marly de A. G. **Revolucionários de 1935**: sonho e realidade. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.